

Coletiva-MENTE: semeando arte e grupalidade no contexto hospitalar

Vitória Tedoldi Moreira¹

Monielli Taliuli da Silva²

Rejane Silva dos Santos³

Rachel Bicalho de Lima⁴

Taismane Clarice Coimbra Ricci Vieira Schiavo⁵

O presente trabalho tem como objetivo narrar a experiência no planejamento e execução de um grupo terapêutico implementado no Centro de Atendimento Psiquiátrico Aristides Alexandre Campos/CAPAAC, hospital psiquiátrico estadual localizado no município de Cachoeiro de Itapemirim/ES, pelas Residentes Multiprofissionais em Saúde Mental do ICEPi/SESA. Inicialmente, as residentes enfrentaram desafios devido à falta de experiência com esse tipo de atividade, mas com apoio das preceptoras e baseadas em pesquisas e planejamento, conseguiram realizar atividades de sucesso. O grupo foi implementado em Julho/2024, com Atividades Coletivas uma vez por semana, no espaço terapêutico, e Rodas de Conversa, realizadas quinzenalmente, no pátio da Unidade. Os temas foram pré-estabelecidos pela equipe executora e baseados nas necessidades dos usuários. Observou-se que as Atividades Coletivas promovem interação social, expressão verbal e artística, troca de saberes e aprendizado mútuo, sendo a música um elemento particularmente eficaz para o engajamento dos participantes. As Rodas de Conversa sobre cuidados em saúde mental, continuidade do tratamento após a alta e o funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) também foram ricas em trocas de experiências. As residentes identificaram a importância das práticas grupais para atender um maior número de pessoas, possibilitar a troca de saberes e promover uma relação horizontal entre profissionais e pacientes. Como resultado, a equipe do CAPAAC, que antes realizava prioritariamente intervenções individuais, passou a reconhecer o valor das práticas grupais, passando a executar uma atividade coletiva de acolhimento aos novos pacientes, uma vez por semana.

Palavras-chave: Hospitais Psiquiátricos, Assistência à Saúde Mental, Intervenção Psicossocial, Estrutura de Grupo, Terapêutica.

1 Psicóloga Residente em Saúde Mental do ICEPi, vitoriatedoldi7@gmail.com

2 Assistente Social Residente em Saúde Mental do ICEPi, moniellitaliuli@gmail.com.

3 Enfermeira Residente em Saúde Mental do ICEPi, rejaneenf10@gmail.com

4 Preceptora do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental do ICEPi, capaac.residencia@saude.es.gov.br

5 Assistente Social Lotada no CAPAAC/SESA, taismanecclarice@gmail.com

A entrada da residência multiprofissional no cenário de prática do CAPAAC têm resultado em novas ações no hospital. Ao ser proposto pelas preceptoras Rachel e Taismane a realização de atividades com grupos terapêuticos, percebemos que seria um desafio. No processo de elaborar as nossas próprias atividades, nos embasamos nas orientações adquiridas dos pares de cada formação e na literatura, tendo em vista que a utilização de atividades grupais não é exclusiva de uma determinada categoria profissional.

Antes que a responsabilidade caísse inteiramente sobre nós, conseguimos observar e participar de várias dinâmicas preparadas pelos estudantes de Psicologia da Faculdade São Camilo, que serviram de modelo e estudo para nossas ações futuras. Ao acompanharmos e participarmos das intervenções dos docentes pudemos nos atentar aos pontos negativos e positivos das propostas apresentadas. As dinâmicas em sua maioria tinham potencial de expressão com possibilidade de escrita e desenhos, funcionando como disparadores para as reflexões. Os participantes relacionavam as temáticas discutidas com suas experiências prévias em forma de discurso e compartilhavam com os demais membros do grupo, incentivando a interação entre os usuários do serviço. No entanto, algumas das atividades que acompanhamos nos geraram certo incômodo por possuir certos aspectos infantis, na maneira de se conduzir e na proposta em si, como por exemplo, algumas dinâmicas que tinham aparência de jogo de tabuleiro.

Com exceção às propostas desenvolvidas pelos estudantes, às práticas coletivas não são tão frequentes no hospital, que se vale majoritariamente de práticas individuais, mesmo com a existência de um espaço terapêutico com potencial para desenvolvimento de diversas atividades, os pacientes executavam suas tarefas individualmente, pintando desenhos, confeccionando artesanatos, e outras formas de se ocupar para espantar o tédio. Do mesmo modo, as propostas de atividade de roda de conversa não aconteciam sem a iniciativa das residentes.

No dia 25 de junho de 2024 nos reunimos para planejar previamente as atividades, com a finalidade de alcançar maior direcionamento conhecendo o perfil do público alvo para determinar a abordagem mais adequada. Utilizamos como base um livro de dinâmicas, "Dinâmicas, jogos e brincadeiras", fornecido pela equipe do espaço terapêutico e o Caderno de Ata do Grupo Terapêutico dos Residentes em Saúde Mental que continha o registro das atividades coletivas que haviam sido realizadas pelos residentes anteriores. Com base em estudos prévios, ao longo do processo de aprendizagem da residência tivemos como objetivo inserir atividades, com intuito de promover a socialização, possibilitar o compartilhamento de vivências interpessoais, troca de afetividade, diálogo, autonomia e gerenciamento das emoções.

Após definirmos as atividades, no dia 07 de julho de 2024 conduzimos a primeira atividade no espaço terapêutico. Formamos uma roda de conversa com objetivo de ouvir e

refletir a respeito da música: “É Preciso Saber Viver” dos compositores Erasmo Carlos e Roberto Carlos. A escolha da canção partiu da necessidade que identificamos em nossa passagem pelo espaço terapêutico, onde observamos que era comum os usuários solicitarem a presença de música no ambiente. Dessa forma, vimos uma boa oportunidade de refletir sobre a temática de responsabilidade sobre as nossas próprias escolhas e suas consequências para a nossa vida. Iniciamos distribuindo cópias impressas da letra. Em seguida, puxamos a canção e todos acompanharam o movimento, naquele instante, não havia divisão entre profissionais e usuários, todos nós fazíamos parte do grupo. O resultado foi muito positivo, muitos participantes trouxeram reflexões sobre a necessidade de repensar certas atitudes em relação às suas próprias escolhas pessoais, identificando as “pedras no caminho” e sabendo desviar dos obstáculos que surgem em nossas vidas.

Em algumas atividades propostas pelas residentes multiprofissionais em saúde mental, foram exploradas aos participantes a criatividade por meio de arte e música, com intuito de expressar seus próprios sentimentos por meio de desenhos, pinturas livres e sons. Sendo possível analisar a sensação de bem estar e leveza nos participantes, além de possibilitá-los a comunicação de algo que eles não conseguem se expressar verbalmente. Desta forma, a cada vez mais a arte e a cultura estão sendo reconhecidas, como forma terapêutica a usuários com adoecimento mental. Atividades artístico-culturais também proporcionam um momento de diversão, interação social e disparam reflexões sobre as situações que vivemos, permitindo que a pessoa se emocione, alcance novas perspectivas sobre determinado tema, ressignificando suas experiências.

Os preparativos dos materiais das dinâmicas também acabaram por se tornar uma atividade em si. Quando era necessário a confecção de algum material como ornamentar caixas, cortar e colar papel, íamos ao espaço terapêutico e ao começar a executar os pacientes se aproximavam e se disponibilizavam a ajudar.

As atividades de roda de conversa foram desenvolvidas quinzenalmente, após o horário da visita, momento que os pacientes ficavam ociosos, no pátio do serviço, possibilitando a participação de todos. Assim que a gente começava a compor o círculo de longarinas no pátio os pacientes se aproximavam para auxiliar e chamar os demais participantes. Foram abordados temas sobre o objetivo da internação, o autocuidado, continuidade do tratamento após a alta nos equipamentos territoriais da RAPS. Foram momentos muito ricos de ouvir a percepção dos participantes sobre o próprio processo de saúde-doença e eles conseguiram ouvir uns aos outros, pessoas com vivências semelhantes.

No desenrolar das atividades surgiram dúvidas em como desenvolver as práticas profissionais individuais em uma abordagem coletiva considerando a particularidade de cada profissão, somado a possibilidade do surgimento de temas que ainda nos geram

inseguranças em relação ao manejo tanto a nível de embasamento teórico quanto a nível de mediação de grupo.

Após a conclusão de cada atividade, fazíamos o registro no livro das residentes e nesse momento também conversávamos sobre os resultados alcançados, frustrações e pontos de melhoria. Os momentos de preceptoria também foram importantes para consolidar os conhecimentos sobre as práticas grupais e alinhar as expectativas do grupo.

A experiência com grupos proporciona a troca de experiência e saberes. Os participantes se sentem ouvidos, escutam os demais, conseguem se identificar com o que o outro diz e com as dúvidas que surgem desses espaços de discussão. Em uma reflexão do grupo Coletivamente, os usuários questionaram seus direitos sobre as informações de suas medicações. A conversa evoluiu para discutir sobre o funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Cada residente contribuiu com as expertises de sua profissão, formando uma rede de ampliação de informação com os usuários a partir dos seus anseios.

Após o início da condução das atividades, os demais profissionais também passaram a enxergar potencial nas propostas coletivas, solicitando que a gente fizesse mais vezes, no entanto nós residentes só conseguimos sustentar nossa frequência de 1 vez na semana, mas incentivamos que outros trabalhadores assumissem a condução dessas atividades também, sem dúvidas seria benéfico para os usuários. Sendo assim, a equipe passou a realizar às sextas feiras uma roda de conversa de recepção dos novos pacientes, com o intuito de acolhê-los, sanar dúvidas sobre o funcionamento do hospital e proporcionar que os pacientes conheçam uns aos outros. Desse modo, nossa esperança é de que as atividades coletivas sejam perpetuadas pela equipe mesmo após a nossa saída do campo.

A implementação de grupos terapêuticos e/ou oficinas é de suma importância para a prática profissional, pois a demanda de pessoas necessitando dos serviços de profissionais de saúde mental é elevada no setor público, em relação ao número de profissionais disponíveis. Desta forma, percebemos a importância e riqueza desta modalidade de atendimento como forma de atender de maneira constante um número maior de pessoas, através de uma ferramenta poderosa de intervenção, que horizontaliza a relação profissional-paciente, valoriza o sujeito e seus saberes.